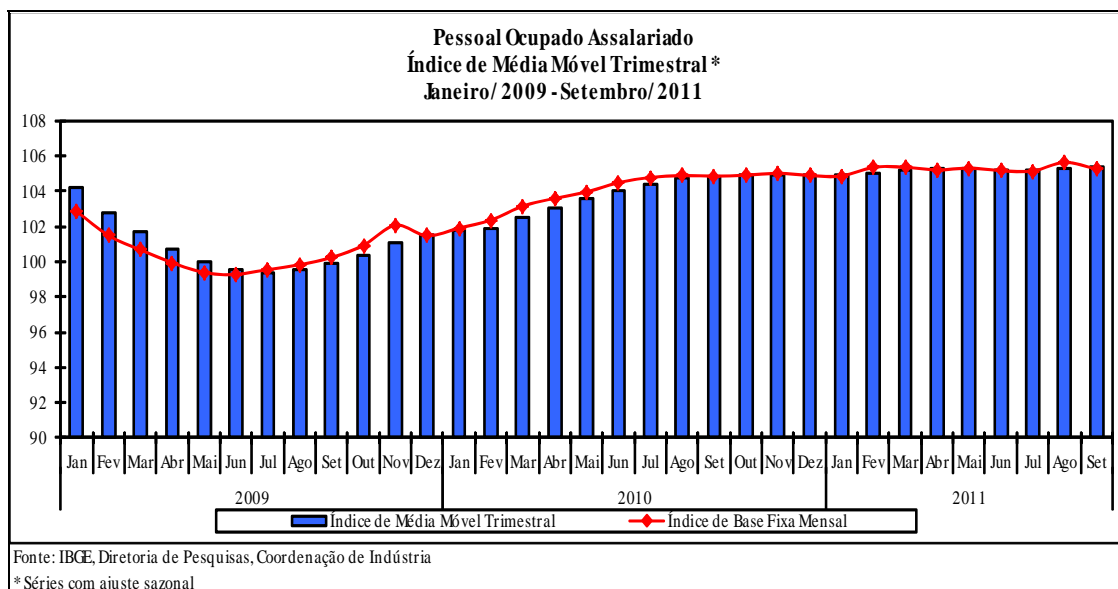


COMENTÁRIOS

PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em setembro de 2011, o emprego industrial mostrou variação negativa de 0,4% frente ao mês imediatamente anterior, na série livre de influências sazonais, após avançar 0,5% em agosto. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral de setembro repetiu o patamar do mês anterior e permaneceu com o quadro de estabilidade verificado desde o final do ano passado. Ainda na série com ajuste sazonal, no índice trimestre contra trimestre imediatamente anterior, o pessoal ocupado na indústria ficou praticamente estável no terceiro trimestre do ano (0,1%), repetindo o comportamento observado nos três últimos trimestres: 4º trimestre/2010 (0,1%), 1º trimestre/2011 (0,2%) e 2º trimestre/2011 (0,0%).



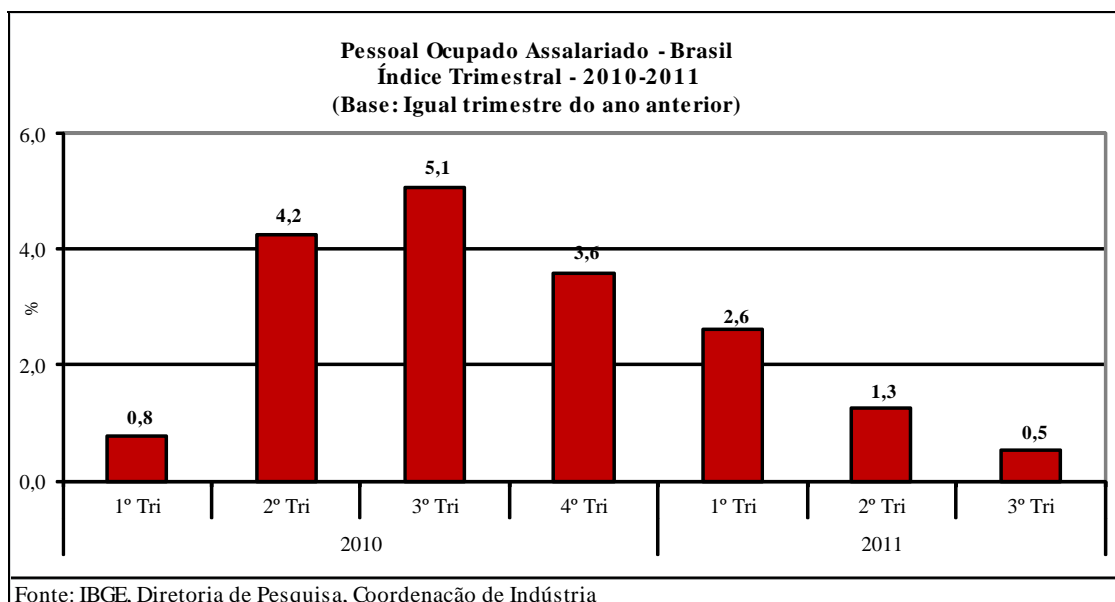
Frente a setembro de 2010, o emprego industrial avançou 0,4%, vigésima taxa positiva consecutiva nesse tipo de comparação, mas a menos intensa dessa sequência. No fechamento do terceiro trimestre de 2011 observou-se expansão de 0,5% no confronto com igual período do ano anterior. O índice acumulado nos nove meses do ano avançou 1,5%, mas com ritmo abaixo do assinalado nos meses anteriores. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, permaneceu apontando expansão (2,0%), mas prosseguiu com a trajetória de redução no ritmo de crescimento iniciada em fevereiro último (3,9%).

A expansão de 0,4% no índice mensal de setembro de 2011 mostrou sete dos quatorze locais e nove dos dezoito setores investigados ampliando as contratações na indústria. Entre os locais, as principais contribuições positivas para o resultado global vieram do Paraná (6,7%), região Norte e Centro-Oeste (3,6%), Minas Gerais (1,8%), Rio Grande do Sul (1,9%) e Pernambuco (5,4%). Na indústria paranaense, os ramos que mais contribuíram para a expansão do emprego industrial foram alimentos e bebidas (18,3%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (44,2%), outros produtos da indústria de transformação (15,6%) e meios de transporte (13,4%). Nas indústrias da região Norte e Centro-Oeste e de Minas Gerais, os impactos mais relevantes vieram de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (38,9%), no primeiro local, e de alimentos e bebidas (4,8%), máquinas e equipamentos (9,3%) e metalurgia básica (5,9%) no segundo. No Rio Grande do Sul, destacaram-se positivamente os setores de alimentos e bebidas (13,0%), meios de transporte (8,9%), máquinas e equipamentos (3,9%) e produtos de metal (5,8%), enquanto na indústria pernambucana sobressaíram as atividades de alimentos e bebidas (8,5%) e meios de transporte (51,6%). Por outro lado, São Paulo, com queda de 2,0%, apontou a principal pressão negativa no total nacional, refletindo em grande parte as perdas vindas de papel e gráfica (-13,4%), borracha e plástico (-12,0%), calçados e couro (-11,7%) e de metalurgia básica (-6,9%).

Setorialmente, ainda na comparação com igual mês do ano anterior, os destaques ficaram com os ramos de alimentos e bebidas (3,7%), meios de transporte (6,5%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (6,6%), máquinas e equipamentos (3,5%) e outros produtos da indústria de transformação (3,5%). Por outro lado, as atividades de calçados e couro (-8,0%), papel e gráfica (-6,8%), borracha e plástico (-5,1%), madeira (-10,3%) e vestuário (-3,2%) apontaram as pressões negativas mais importantes sobre o total da indústria neste mês.

No corte trimestral, observa-se que o emprego industrial, ao mostrar crescimento de 0,5% no terceiro trimestre do ano, manteve a sequência de

sete trimestres de taxas positivas, mas prosseguiu com a trajetória descendente iniciada no terceiro trimestre de 2010 (5,1%), ambas as comparações contra igual período do ano anterior. O movimento de redução no ritmo das contratações entre o segundo (1,3%) e o terceiro trimestre de 2011 teve perfil disseminado, atingindo onze setores e onze locais, com destaque para: calçados e couro (de -3,8% para -7,3%), produtos de metal (de 3,3% para 0,7%), minerais não metálicos (de 1,8% para -1,5%), borracha e plástico (de 0,7% para -2,3%) e metalurgia básica (de 6,7% para 2,3%), entre os ramos; e Bahia (de 2,7% para 0,7%), Ceará (de -1,4% para -3,3%), região Nordeste (de 2,2% para 0,6%), Rio Grande do Sul (de 2,7% para 1,7%), São Paulo (de -0,9% para -1,8%), Minas Gerais (de 2,9% para 2,0%) e Espírito Santo (de -1,0% para -1,9%), entre as áreas investigadas.

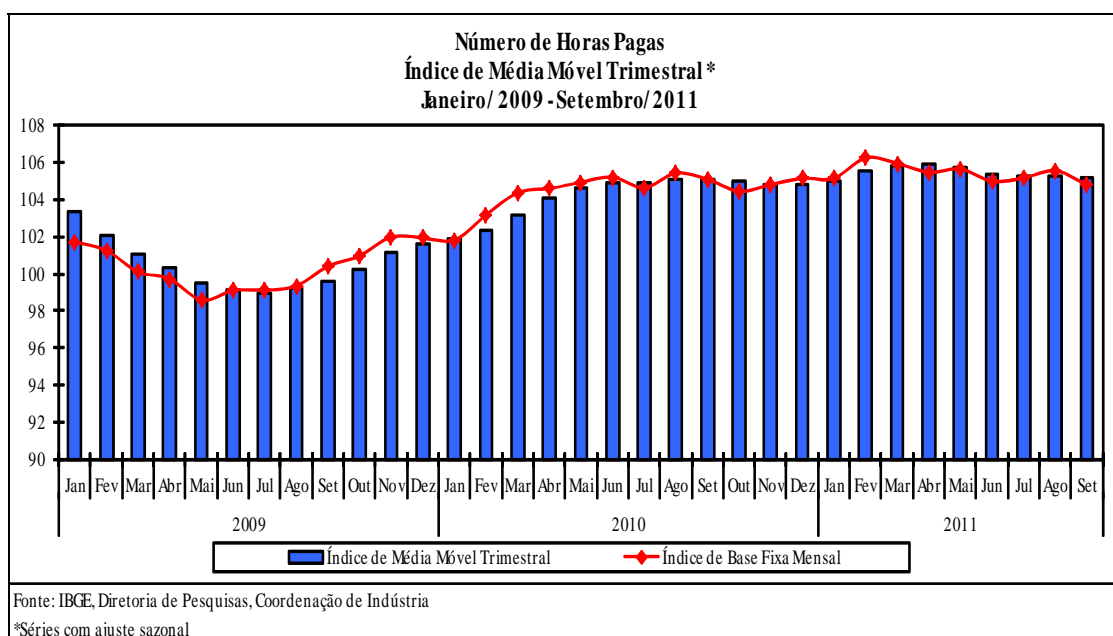


No índice acumulado dos nove meses do ano, o emprego industrial assinalou expansão de 1,5%, com onze locais e onze ramos ampliando o contingente de trabalhadores. Setorialmente, as contribuições positivas mais relevantes vieram de alimentos e bebidas (2,9%), meios de transporte (7,5%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (6,3%), máquinas e equipamentos (4,3%), produtos de metal (4,0%), outros produtos da indústria de transformação (4,9%) e metalurgia básica (5,7%), enquanto papel e gráfica (-8,8%), vestuário (-3,3%), madeira (-8,7%) e calçados e couro (-3,8%) exerceram os principais impactos negativos. No corte

regional, os destaques positivos ficaram com Paraná (5,5%), Minas Gerais (2,9%), região Norte e Centro-Oeste (3,3%), região Nordeste (1,9%) e Rio Grande do Sul (2,6%). São Paulo (-0,5%), estado com maior peso na estrutura do emprego industrial no país, Espírito Santo (-0,7%) e Ceará (-1,5%) apontaram queda no total do pessoal ocupado no índice acumulado no ano.

NÚMERO DE HORAS PAGAS

Em setembro de 2011, o número de horas pagas aos trabalhadores da indústria, já descontadas as influências sazonais, apontou queda de 0,7% frente ao mês imediatamente anterior, após registrar avanços de 0,2% em julho e de 0,4% em agosto. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral mostrou variação negativa de 0,1% na passagem dos trimestres encerrados em agosto e setembro, permanecendo com a trajetória ligeiramente descendente desde abril último. Ainda na série com ajuste sazonal, no índice trimestre contra trimestre imediatamente anterior, o número de horas pagas na indústria mostrou variação negativa de 0,2% no terceiro trimestre do ano, segundo resultado negativo seguido nesse tipo de comparação, acumulando nesse período perda de 0,6%.



No confronto com igual mês do ano anterior, houve variação negativa de 0,3% no número de horas pagas, primeira taxa negativa desde dezembro de 2009 (-1,4%). No fechamento do terceiro trimestre de 2011, o número de

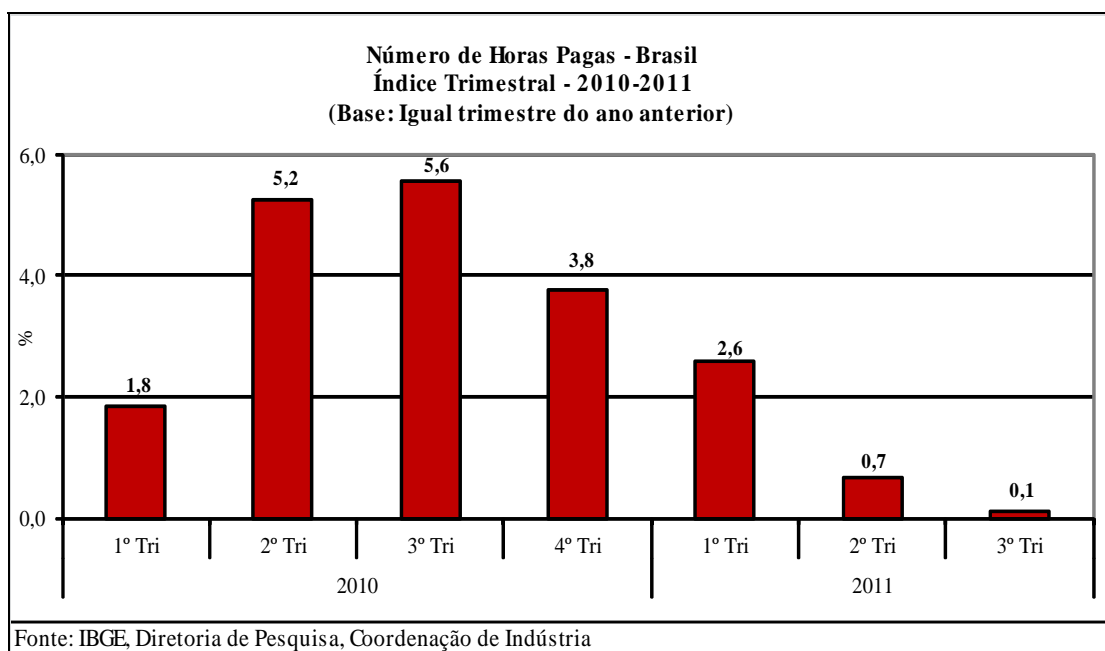
horas pagas ficou praticamente estável (0,1%) frente a igual período do ano anterior. O índice acumulado nos nove meses do ano atingiu expansão de 1,1% e manteve a desaceleração no ritmo de crescimento frente aos resultados dos meses anteriores. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, assinalou acréscimo de 1,8% em setembro de 2011, mas permaneceu apontando avanços menos intensos desde fevereiro (4,5%).

Em setembro de 2011, o número de horas pagas recuou 0,3% em relação a igual mês do ano anterior, com taxas negativas em seis dos quatorze locais pesquisados. A principal influência negativa sobre o total do país foi observada em São Paulo (-2,4%), pressionada em grande parte pela redução do número de horas pagas nos setores de papel e gráfica (-13,4%), produtos de metal (-7,7%), borracha e plástico (-7,6%), metalurgia básica (-13,4%) e calçados e couro (-11,9%). Vale mencionar também os impactos negativos vindos de Santa Catarina (-1,5%), em função, principalmente, dos recuos registrados em madeira (-15,6%), têxtil (-3,6%) e calçados e couro (-18,0%); e do Ceará (-3,3%), devido à retração verificada em calçados e couro (-6,3%) e alimentos e bebidas (-5,9%). Por outro lado, a região Norte e Centro-Oeste (2,9%) exerceu o principal impacto positivo no total do número de horas pagas, impulsionada em grande parte pelo crescimento de 43,8% de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações. Vale citar ainda as contribuições positivas vindas de Pernambuco (6,9%), sustentada, sobretudo, pelo avanço do setor de alimentos e bebidas (13,5%); Paraná (2,2%), por conta das expansões verificadas em máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (53,6%) e meios de transporte (18,0%); e Minas Gerais (1,4%), influenciado principalmente pelos setores de alimentos e bebidas (5,6%) e de borracha e plástico (13,2%).

Setorialmente, ainda na comparação com igual mês do ano anterior, o número de horas pagas diminuiu em dez dos dezoito setores pesquisados, com as maiores influências negativas vindas de calçados e couro (-8,9%), papel e gráfica (-6,9%), madeira (-10,3%), vestuário (-3,4%), produtos de metal (-2,6%) e têxtil (-3,4%). Por outro lado, meios de transporte (5,5%), alimentos e bebidas (1,9%), máquinas e equipamentos (4,5%) e máquinas e

aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (6,0%) foram as atividades que exerceram as contribuições positivas mais significativas no total nacional.

Em bases trimestrais, o número de horas pagas mostrou variação positiva de 0,1% no terceiro trimestre de 2011 e manteve a trajetória descendente observada a partir do terceiro trimestre de 2010 (5,6%), com 3,8% no último trimestre do ano passado, 2,6% no período janeiro-março deste ano e 0,7% entre abril e junho, todas as comparações contra igual período do ano anterior. A perda de dinamismo no número de horas pagas entre o segundo e o terceiro trimestres de 2011 foi acompanhada por onze setores e dez locais. Entre as atividades, as maiores perdas de ritmo entre os dois períodos foram registradas em produtos de metal, que passou de 2,4% para -1,1%, metalurgia básica (de 4,7% para -0,5%), minerais não metálicos (de 1,2% para -1,6%), calçados e couro (de -5,5% para -8,2%) e borracha e plástico (de 1,4% para -1,0%). Entre os locais, os recuos mais intensos foram observados na Bahia (de 2,2% para 0,2%), Rio Grande do Sul (de 1,9% para 0,8%), região Nordeste (de 1,8% para 0,8%) e região Norte e Centro-Oeste (de 3,6% para 2,7%).



O índice acumulado nos nove meses de 2011 mostrou expansão de 1,1% frente a igual período do ano anterior, com taxas positivas em doze dos

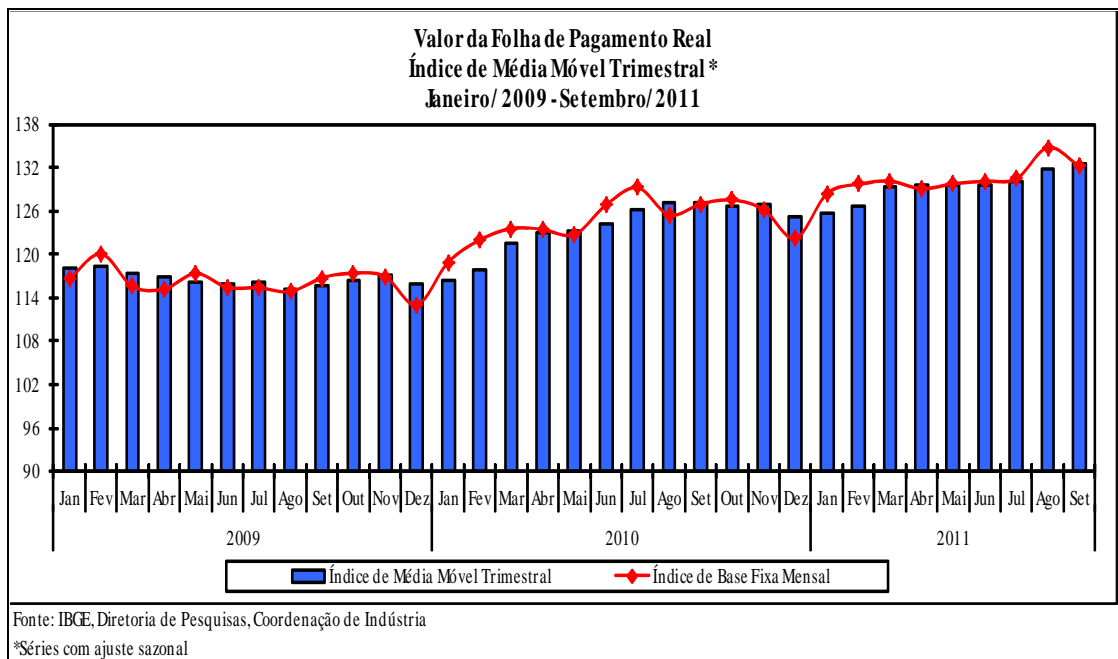
quatorze locais e em dez dos dezoito ramos investigados. No corte setorial, as principais contribuições positivas no total do número de horas pagas vieram de meios de transporte (6,9%), alimentos e bebidas (2,2%), máquinas e equipamentos (5,0%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (6,8%), enquanto papel e gráfica (-9,4%), calçados e couro (-5,1%), vestuário (-3,6%) e madeira (-8,8%) assinalaram os maiores impactos negativos sobre a média da indústria. Entre os locais, as influências positivas mais relevantes vieram da região Norte e Centro-Oeste (3,9%), Minas Gerais (2,9%), Paraná (3,2%), região Nordeste (1,5%) e Rio Grande do Sul (1,9%), impulsionados, em grande parte, pelo aumento no número de horas pagas nos ramos de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (38,2%) e produtos de metal (25,3%), no primeiro local; borracha e plástico (18,8%), meios de transporte (6,2%) e metalurgia básica (5,8%), em Minas Gerais; máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (34,9%) e alimentos e bebidas (5,8%), no Paraná; alimentos e bebidas (3,0%), minerais não metálicos (8,0%) e meios de transporte (21,1%), na região Nordeste; e alimentos e bebidas (10,2%) e máquinas e equipamentos (6,1%) no último. Por outro lado, São Paulo (-0,7%) e Ceará (-3,0%) apontaram os resultados negativos no índice acumulado no ano, pressionados, sobretudo, pelas quedas observadas em papel e gráfica (-19,1%), vestuário (-9,9%) e produtos de metal (-3,9%), no primeiro local, e calçados e couro (-11,2%), no segundo.

Em síntese, o emprego industrial e o número de horas pagas, em setembro de 2011, mostraram taxas negativas frente ao mês imediatamente anterior, refletindo em grande parte o menor dinamismo que marca a produção industrial nos últimos meses. A evolução do índice de média móvel trimestral reforça esse quadro de menor intensidade no mercado de trabalho da indústria, já que há vários meses esse indicador aponta estabilidade para o emprego industrial e trajetória ligeiramente decrescente para o número de horas pagas. Ainda na série com ajuste sazonal, índice trimestre contra trimestre imediatamente anterior, as duas variáveis também registraram no terceiro trimestre do ano sinais de comportamento mais

moderado no mercado de trabalho industrial, com o número de horas pagas assinalando variação negativa de 0,2% e o emprego praticamente repetindo o patamar (0,1%) do segundo trimestre. Nas comparações contra iguais períodos de 2010, os resultados do total do pessoal ocupado na indústria e do número de horas pagas permaneceram com clara redução de ritmo, com o primeiro assinalando o acréscimo menos intenso em vinte meses de taxas positivas, e o segundo marcando o primeiro resultado negativo desde dezembro de 2009. Com isso, os índices acumulado nos nove meses do ano e nos últimos doze meses prosseguiram apontando redução na intensidade do crescimento frente aos meses anteriores.

FOLHA DE PAGAMENTO REAL

Em setembro de 2011, o valor da folha de pagamento real dos trabalhadores da indústria ajustado sazonalmente recuou 1,9% em relação ao mês imediatamente anterior, após avançar por quatro meses seguidos, período em que acumulou ganho de 4,4%. Vale destacar que o resultado desse mês foi particularmente influenciado pela indústria extrativa (-24,4%), pressionada em grande parte pelo pagamento de participações nos lucros e de resultados em importante empresa do setor no mês anterior, já que a indústria de transformação mostrou perda mais moderada (-0,3%). Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral avançou 0,5% na passagem do trimestre encerrado em agosto e setembro e permaneceu com a trajetória ascendente iniciada em dezembro do ano passado. Em termos trimestrais, ainda na série com ajuste sazonal, o valor da folha de pagamento real cresceu 2,2% no terceiro trimestre do ano, terceiro trimestre seguido de expansão, acumulando nesse período ganho de 5,7%.



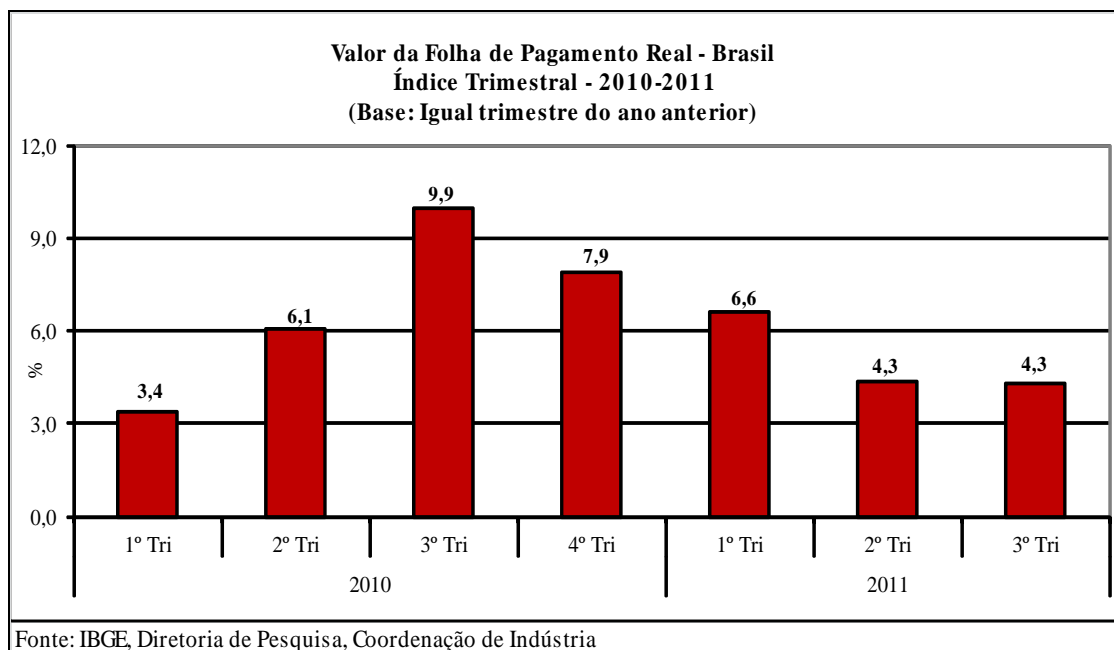
Na comparação com iguais períodos do ano anterior, o valor da folha de pagamento real cresceu 4,3% em setembro de 2011, 4,3% no fechamento do terceiro trimestre do ano e 5,1% no acumulado dos nove meses do ano. A taxa anualizada, indicador acumulado nos últimos doze meses, recuou 0,4 ponto percentual entre agosto (6,2%) e setembro (5,8%) e prosseguiu com a trajetória descendente iniciada em maio último (7,6%).

No índice mensal, o valor da folha de pagamento real avançou 4,3% em setembro de 2011, com resultados positivos nos quatorze locais pesquisados. A maior contribuição sobre a média global veio de Minas Gerais (12,1%), por conta principalmente do aumento no valor da folha de pagamento real observado na indústria extrativa (82,0%), influenciada pelo pagamento de abono salarial decorrente de acordo coletivo, seguida por metalurgia básica (9,1%), máquinas e equipamentos (13,2%) e meios de transporte (5,8%). Vale citar também as influências no total da indústria assinaladas pelo Paraná (12,9%), impulsionado pelos setores de meios de transporte (33,9%), devido ao pagamento de participação nos lucros e resultados em importantes empresas do setor, de alimentos e bebidas (13,2%) e de máquinas e aparelhos eletrônicos e de comunicações (52,5%); São Paulo (1,5%), explicado em grande parte pelo ganho verificado em meios de transporte (18,3%); região Norte e Centro-Oeste (6,8%), por conta de máquinas e aparelhos

eletroeletrônicos e de comunicações (34,9%) e indústrias extrativas (22,2%); e região Nordeste (4,7%), influenciada pelos resultados positivos vindos de alimentos e bebidas (9,6%) e meios de transporte (38,3%).

Setorialmente, ainda na comparação com igual mês do ano anterior, o valor da folha de pagamento real cresceu em onze dos dezoito setores pesquisados, com destaque para meios de transporte (17,0%), indústrias extrativas (21,6%), alimentos e bebidas (6,0%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (9,1%) e máquinas e equipamentos (2,6%). Por outro lado, a principal pressão negativa veio de papel e gráfica (-16,7%), vindo a seguir calçados e couro (-3,9%), madeira (-7,0%) e produtos de metal (-1,7%).

Na análise trimestral, o valor da folha de pagamento real repetiu no terceiro trimestre do ano (4,3%), o resultado assinalado no segundo trimestre, mas com redução no ritmo de crescimento desde o terceiro trimestre de 2010 (9,9%), todas as comparações contra igual período do ano anterior. Entre os onze setores que perderam dinamismo na passagem do segundo para o terceiro trimestre de 2011, destacaram-se máquinas e equipamentos, que passou de 7,7% para 5,6%; metalurgia básica (de 8,8% para 5,3%) e produtos de metal (de 3,3% para 0,6%). Em sentido oposto, meios de transporte (de 10,5% para 13,7%) e indústrias extrativas (de 5,9% para 10,8%) exibiram os maiores ganhos entre os dois períodos. Entre os locais, Rio Grande do Sul, que passou de 4,0% no período abril-junho para 2,0% no terceiro trimestre, e Santa Catarina (de 2,7% para 0,7%) apontaram as principais perdas, enquanto Espírito Santo (de -2,0% para 6,3%) e Paraná (de 7,8% para 11,7%) assinalaram os ganhos mais relevantes entre os dois períodos.



O índice acumulado nos nove meses do ano avançou 5,1%, com crescimento no valor da folha de pagamento real nos quatorze locais investigados. Os maiores impactos sobre o total da indústria vieram de São Paulo (3,1%), Minas Gerais (11,3%), Paraná (9,6%), região Nordeste (5,6%) e região Norte e Centro-Oeste (6,8%). Nestes locais, os setores de destaque foram, respectivamente, meios de transporte (10,7%) e máquinas e equipamentos (8,3%); meios de transporte (19,7%) e indústrias extrativas (22,5%); meios de transporte (21,7%) e alimentos e bebidas (12,1%); alimentos e bebidas (7,9%) e meios de transporte (27,9%); e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (24,9%), indústrias extrativas (12,8%) e produtos de metal (28,9%).

Em termos setoriais, ainda no índice acumulado no ano, treze das dezoito atividades investigadas aumentaram o valor da folha de pagamento real. As principais contribuições positivas sobre a média global vieram de meios de transporte (12,3%), máquinas e equipamentos (8,3%), alimentos e bebidas (5,5%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (8,2%) e indústrias extrativas (8,1%), enquanto papel e gráfica (-10,0%) exibiu o impacto negativo mais relevante.